A AMEAÇA DIREITISTA NO PCUS (B)

J.V. STALIN
1928

BANDEIRA VERMELHA

DISCURSO PROFERIDO NO PLENÁRIO DO COMITÊ DE MOSCOU E NA COMISSÃO DE CONTROLE DE MOSCOU

A AMEAÇA DIREITISTA NO PCUS (BOLCHEVIQUE)

J.V. STALIN
1928

O presente material foi traduzido pelo **Núcleo de Traduções Bandeira Vermelha**.

É certo que este documento, entre tantos outros, não poderia estar disponível em nosso blog e em suas mãos se não fosse o trabalho e o esforço conjunto dos camaradas que formam a nossa organização.

https://bandeiravermelhabr.wordpress.com/
traducoesbandeiravermelha@protonmail.com

Viva o Marxismo-Leninismo-Maoísmo, principalmente Maoísmo!

Penso, camaradas, que devemos primeiro livrar nossa mente de trivialidades, de assuntos pessoais, etc., a fim de resolver a questão que nos interessa, a do desvio direitista.

Existe uma ameaça oportunista de direita em nosso Partido? Aqui existem condições objetivas favoráveis ao desenvolvimento dela? Como deve ser combatido esse perigo? Estas são as perguntas que agora nos confrontam.

Porém, o problema supracitado não será resolvido a menos que releguemos todas as banalidades e elementos desarticulados, adventícios, que o circundam e dificultam a compreensão de sua essência.

Zapolsky está errado ao pensar que a questão do desvio direitista é um assunto dispensável. Ele afirma que nem tudo se trata de desvio à direita, mas sim de disputas mesquinhas, de intrigas pessoais, etc. Vamos assumir, por um instante, que as brigas mesquinhas e as intrigas pessoais desempenham aqui algum papel, assim como em todas as lutas. Explicar tudo através de pequenas brigas e falhar em enxergar a verdadeira natureza desta chaga por trás das brigas, porém, é afastar-se do caminho correto, marxista.

Uma organização grande e unida de longa data, como é sem dúvida a organização de Moscou, não poderia ser mobilizada da cabeça aos pés e posta em marcha através de uns poucos brigões ou fofoqueiros. Não, camaradas, esses milagres não acontecem. Isso sem contar o fato de que a força e o poder da organização de Moscou não podem ser estimados de forma tão superficial. É certo que causas mais profundas, comedidas, têm estado em ação aqui, e em nada se relacionam a brigas mesquinhas ou a intrigas.

Fruntov também está errado; pois embora admita a existência de um desvio direitista, ele acha que não vale a pena para as pessoas sérias e ocupadas se preocuparem seriamente com isso. Em sua opinião, a questão do desvio é um assunto para cultivadores de algazarra, não para pessoas sérias. Eu entendo bastante o Fruntov: ele está tão absorto no

trabalho prático do dia a dia que não tem tempo para refletir sobre as perspectivas do nosso desenvolvimento. Isso não significa, porém, que devemos transformar o estreito e prático empirismo de alguns de nossos trabalhadores do Partido em um dogma para nosso trabalho de construção. Um praticismo saudável é algo bom; mas se perdemos de vista as perspectivas no trabalho e não o subordinamos à orientação base do Partido, ele se torna um empecilho. E ainda assim, não deve ser difícil compreender que a questão do desvio de direita é uma questão da linha básica do nosso Partido; é a questão de saber se as perspectivas de desenvolvimento esboçadas pelo nosso Partido no XV Congresso são corretas ou incorretas.

Aqueles camaradas que, ao discutir o problema do desvio direitista, concentram-se na questão dos indivíduos que o representam, equivocam-se igualmente. Mostre-nos quem são os direitistas e os conciliadores, dizem eles, dê nome aos bois, para que possamos tratá-los à altura. Não é essa a via adequada para expor a questão. Os indivíduos, é claro, exercem algum peso. No entanto, a questão que se coloca aqui não é de indivíduos, mas sim das condições, da situação, que dão origem à ameaça direitista no seio do Partido. Os indivíduos podem ser afastados, mas não significa que tenhamos, dessa forma, cortado as raízes perniciosas do direitismo em nosso Partido. Portanto, a questão dos indivíduos não soluciona os males relativos a essa temática, embora seja, sem dúvida, interessante.

Neste âmbito, não posso deixar de recordar um incidente que ocorreu em Odessa no final de 1919 e início de 1920, quando nossas forças, após expulsarem as forças de Denikin[1] da Ucrânia, estavam esmagando os últimos remanescentes de seus exércitos na região de Odessa. Ali um grupo de soldados do Exército Vermelho procurou incessantemente pela "Entente", convencidos de que bastava capturá-la – a Entente – para que a guerra terminasse. (Risos gerais.) Provavelmente nossos homens do Exército

1 General tsarista; combateu o exército vermelho durante a guerra civil, mas foi derrotado pelos soviéticos em 1920.

Vermelho capturaram alguns representantes da Entente em Odessa, mas isso, naturalmente, não resolveu a questão da Entente, pois suas raízes não se encontravam acolá, embora a cidade naquela época fosse o último terreno dos Denikinitas, mas sim no capitalismo mundial.

O mesmo pode ser dito de alguns de nossos camaradas, que na questão do desvio direitista se concentram nos indivíduos que o representam, e se esquecem das condições que o originaram, do regador que molhou seu caule.

Por isso devemos antes de tudo elucidar aqui as condições que dão origem à direita, e também à "esquerda" (trotskista), ou seja, ao abandono da linha Leninista.

Sob as condições capitalistas, o desvio de direita significa uma tendência, uma inclinação que ainda não tomou forma, é verdade, e talvez ainda não tenha sido conscientemente percebida, mas ainda assim uma tendência de uma parcela dos comunistas a afastar-se da linha revolucionária do Marxismo em direção à social-democracia. Quando certos grupos de comunistas rejeitam a oportunidade do slogan “Classe contra classe” nas campanhas eleitorais (França), ou se opõem a que o Partido Comunista nomeie seus próprios candidatos (Grã-Bretanha), ou são relutantes em fazer da luta contra a “esquerda” social-democrata (Alemanha) uma bandeira a ser hasteada, etc., etc., significa que nos partidos comunistas há pessoas que procuram adequar o comunismo à social-democracia.

Uma vitória do desvio de direita nos partidos comunistas dos países capitalistas significaria uma derrota ideológica dos partidos comunistas e um tremendo fortalecimento da social-democracia. E o que significa um fortalecimento da social-democracia? Significa fortalecer e consolidar o capitalismo, afinal a social-democracia é o principal suporte do capitalismo na classe operária.

Consequentemente, uma vitória do desvio direitista nos partidos comunistas dos países capitalistas implicaria um mero aprofundamento das condições necessárias para a conservação do capitalismo.

Sob as condições do desenvolvimento soviético, quando o capitalismo já foi derrubado, mas suas raízes ainda não foram arrancadas, o desvio de direita significa uma tendência, uma inclinação que ainda não tomou forma, é verdade, e talvez ainda não tenha sido conscientemente percebida, mas ainda assim uma tendência de uma parcela dos comunistas a afastar-se da linha geral de nosso Partido em direção à ideologia burguesa. Quando certos círculos de nossos comunistas se esforçam para puxar o Partido para longe das decisões do XV Congresso, negando a necessidade de uma ofensiva contra os elementos capitalistas do campo; ou exigem uma contração de nossa indústria, na crença de que seu atual ritmo acelerado de desenvolvimento é fatal para o país; ou negam o cabimento de subsídios às fazendas coletivas[2] e fazendas estatais[3], na crença de que tais subsídios são dinheiro jogado ao vento; ou negam a utilidade de lutar contra a burocracia por métodos de autocrítica, na crença de que a autocrítica compromete nosso aparelho; ou exigem que o monopólio do comércio exterior seja afrouxado, etc., etc., significa que nas fileiras de nosso Partido há pessoas que procuram, talvez sem se darem conta, adequar nossa construção socialista aos gostos e exigências da burguesia "soviética".

Uma vitória do desvio de direita em nosso Partido significaria um tremendo fortalecimento dos elementos capitalistas em nosso país. E o que significa o fortalecimento dos elementos capitalistas em nosso país? Significa enfraquecer a ditadura do proletariado e aumentar as chances de restauração do capitalismo.

2 Kolkhozes.
3 Sovkhozes.

Consequentemente, uma vitória do desvio direitista em nosso Partido implicaria um florescimento das condições necessárias *para a restauração* do capitalismo em nosso país.

Será que temos em nosso solo soviético quaisquer condições que tornariam *possível* a restauração do capitalismo? Sim, nós temos. Isso, camaradas, pode parecer estranho, mas é um fato. Nós tombamos o capitalismo, estabelecemos a ditadura do proletariado, fomentamos o desenvolvimento de nossa indústria socialista em ritmo acelerado e estamos ligando a economia camponesa a ela. Contudo, ainda não arrancamos as raízes do capitalismo. Onde essas raízes estão encravadas? Elas estão encravadas na produção de mercadorias, na pequena produção das cidades e, especialmente, no campo.

Como Lenin dizia, a força do capitalismo está "na força da *pequena produção*. Pois, infelizmente, a pequena produção ainda é muito, muito generalizada no mundo, e a pequena produção *engendra* o capitalismo e a burguesia continuamente, diariamente, de hora em hora, espontaneamente e em escala de massa"[4].

É evidente que, uma vez que a pequena produção carrega um caráter de massa, e inclusive um predomínio em nosso país, e uma vez que *engendra* o capitalismo e a burguesia continuamente e em escala de massa, sobretudo sob as condições da NEP, temos em nosso país condições que *possibilitam* a restauração do capitalismo.

Temos em nosso solo soviético meios e forças necessárias para abolir, para eliminar a *possibilidade* de restauração do capitalismo? Sim, nós também temos. E é este fato que prova a justeza da tese de Lenin sobre a *possibilidade* de edificar uma sociedade socialista completa na URSS. Para este propósito é, pois, necessário consolidar a ditadura do proletariado, fortalecer a aliança entre a classe operária e o campesinato, desenvolver nossas posições-chave sob a perspectiva de industrializar e eletrificar o país, expandir a indústria

4 Trecho retirado do texto de Lenin: *"Esquerdismo, doença infantil do comunismo"*.

em ritmo acelerado, situar toda a economia nacional em uma nova base técnica, organizar o campesinato em cooperativas em escala de massa e aumentar o rendimento de suas fazendas, unir gradualmente as fazendas camponesas individuais em fazendas socialmente administradas, coletivas, desenvolver fazendas estatais, restringir e superar os elementos capitalistas na cidade e no campo, etc., etc. Eis o que Lenin diz sobre o assunto:

"Enquanto vivermos em um pequeno país camponês, haverá uma base econômica mais segura para o capitalismo na Rússia do que para o comunismo. Isto deve ser levado em conta. Quem já observou atentamente a vida no campo, em comparação com a vida nas cidades, sabe que não arrancamos as raízes do capitalismo e não minamos seus alicerces, a base do inimigo interno. Este último depende da produção em pequena escala, e só há uma maneira de enfraquecê-lo, que é colocar a economia do país, incluindo a agricultura, em uma nova base técnica, a base técnica da produção moderna em larga escala. E só a eletricidade é que constitui essa base. O comunismo é o poder soviético mais a eletrificação de todo o país. Caso contrário, o país continuará a ser de pequenos camponeses, e temos que entender isso com clareza. Somos mais vulneráveis que o capitalismo, não apenas em escala mundial, mas também no âmbito nacional. Todo mundo compreendeu isso. Estamos conscientes do fato, e faremos com que nossa base econômica passe de uma base de pequenos camponeses para uma base industrial em larga escala. Somente quando o país tiver sido eletrificado, somente quando nossa indústria, nossa agricultura, nosso sistema de transporte tiver sido posto sobre a base técnica da indústria moderna de grande escala é que alcançaremos a vitória final"[5].

Segue-se, em primeiro lugar, que enquanto vivermos em um país de pequenos camponeses, enquanto não tivermos arrancado as raízes do capitalismo, existe uma base econômica mais vantajosa para o capitalismo do que para o comunismo. Pode acontecer

5 Discurso pronunciado no VII Congresso dos Sovietes de toda a Rússia.

que se corte uma árvore, mas que não se consiga arrancar as raízes; não há força o suficiente. Daí a *possibilidade* da restauração capitalista em nosso país.

Em segundo lugar, segue-se que, além da possibilidade da restauração do capitalismo, existe também a *possibilidade da vitória do socialismo* em nosso país, porque podemos dar um golpe de morte na possibilidade de restauração da velha ordem, nós podemos ceifar suas raízes e alcançar a vitória definitiva sobre o capitalismo, desde que intensifiquemos o trabalho de eletrificação, desde que coloquemos nossa indústria, agricultura e transporte no plano técnico de uma moderna indústria em grande escala. Daí a *possibilidade* da vitória do socialismo em nosso país.

Por fim, segue-se que não podemos construir o socialismo apenas na indústria e deixar a agricultura à mercê do desenvolvimento espontâneo, partindo do pressuposto de que o campo "se moverá por si só", acompanhando a evolução das cidades. É certo que a existência de uma indústria socialista nas cidades é o principal fator para a transformação socialista do campo. Mas este fator por si só ainda não basta. Para que as cidades socialistas assumam a liderança da zona rural camponesa e arrastem consigo o campo em todo o seu percurso, é crucial, como diz Lenin, "colocar a economia do país, *incluindo a agricultura*, sobre uma nova base técnica, a base técnica da produção moderna em larga escala".

Esta citação de Lenin contradiz outra de suas declarações, no sentido de que "a NEP nos assegura plenamente a *possibilidade* de lançar as bases de uma economia socialista"? Não, não contradiz. Pelo contrário, as duas declarações são inteiramente compatíveis. Lenin em nenhum momento diz que a NEP nos dá o socialismo já pronto. O eminente camarada apenas diz que a NEP nos oferece a *possibilidade* de lançar as bases de uma economia socialista. Há uma grande diferença entre a *possibilidade* de construir o socialismo e a *construção propriamente dita do socialismo*. Não se deve confundir

possibilidade e realidade. É justamente com o propósito de fazer da possibilidade uma realidade que Lenin propõe a eletrificação do país e a inserção da indústria, agricultura e transporte na base técnica da produção moderna em larga escala como premissa para a vitória final do socialismo em nosso país.

Mas esta premissa para a construção do socialismo não pode ser cumprida em um ou dois anos. É impossível nesse ínfimo intervalo de tempo industrializar o país, construir uma indústria poderosa, organizar as grandes massas do campesinato em cooperativas, colocar a agricultura em uma nova base técnica, unir as fazendas camponesas individuais em grandes fazendas coletivas, desenvolver fazendas estatais e, ainda, restringir e superar os elementos capitalistas na cidade e no campo. São necessários anos e anos de intenso trabalho construtivo conduzido pela ditadura do proletariado para tal. E até que isso seja feito – e não poderá ser feito de uma só vez – continuaremos sendo um pequeno país camponês, onde a pequena produção engendra o capitalismo e a burguesia continuamente e de forma massiva, e onde o perigo da restauração do capitalismo perdura.

E uma vez que nosso proletariado não vive flutuando no vácuo, mas sim ocupando o espaço da vida cotidiana e real com toda a sua variedade de formas, os elementos burgueses que germinam em função da pequena produção "encurralam o proletariado de todos os lados com forças pequeno-burguesas elementais, que penetram e corrompem o proletariado e provocam recaídas contínuas do proletariado em devaneios pequeno-burgueses, desunião, individualismo e humores oscilantes de exaltação e desânimo"[6], introduzindo assim nas fileiras do proletariado e de seu Partido uma certa dose de vacilação, uma certa dose de instabilidade.

Aí está a raiz sobre a qual se assenta todo tipo de vacilações e desvios da linha Leninista nas fileiras do nosso Partido.

---

6 Trecho retirado do texto de Lenin: *"Esquerdismo, doença infantil do comunismo"*.

É por isso que em nosso Partido os desvios de direita e de "esquerda" não podem ser qualificados como uma questão de pouca valia.

Onde está o *perigo direitista*, francamente oportunista, em nosso Partido? Está no fato de *subestimar* a força de nossos inimigos, a força do capitalismo: não ver o risco de restauração do capitalismo; não compreender o mecanismo da luta de classes sob a ditadura do proletariado e, portanto, concordar tão prontamente em fazer concessões ao capitalismo, exigindo um retardamento do ritmo de desenvolvimento de nossa indústria, exigindo que se façam concessões para os elementos capitalistas na cidade e no campo, exigindo que a questão das fazendas coletivas e fazendas estatais seja rebaixada para segundo plano, exigindo que se afrouxe o monopólio do comércio exterior, etc., etc.

Não há dúvida de que o triunfo do desvio de direita em nosso Partido desencadearia as forças do capitalismo, minaria as posições revolucionárias do proletariado e aumentaria as chances de restauração do capitalismo em nosso país.

Onde está o *perigo "esquerdista"* (trotskista) em nosso Partido? Está no fato de *superestimar* a força de nossos inimigos, a força do capitalismo; ver apenas a possibilidade de restauração do capitalismo, mas não vislumbrar a possibilidade de construir o socialismo pelos esforços de nosso país; ceder lugar ao desespero e ser obrigado a consolar-se com tagarelices sobre as tendências do Termidor[7] em nosso Partido.

Das palavras de Lenin que "enquanto vivermos em um pequeno país camponês, haverá uma base econômica mais segura para o capitalismo na Rússia do que para o comunismo", o desvio de "esquerda" tira a falsa conclusão de que é impossível construir o socialismo na URSS; que não podemos avançar para lugar algum com o campesinato; que a ideia de uma aliança entre a classe trabalhadora e o campesinato é obsoleta; que a menos que ocorra uma revolução vitoriosa no Ocidente, a ditadura do proletariado na URSS

7 Período referente ao final da era do 'Terror' da Revolução Francesa.

deverá reduzir-se a pó ou degenerar; que a menos que adotemos o fantástico plano de superindustrialização, mesmo à custa de uma ruptura com os camponeses, a causa do socialismo na URSS deverá ser tida como condenada.

Daí o aventureirismo na política do desvio “esquerdista”. Por isso seus saltos “sobre-humanos” na esfera política.

Não há dúvida de que o triunfo do desvio de “esquerda” em nosso Partido levaria à separação da classe trabalhadora de sua base camponesa, à separação da vanguarda da classe trabalhadora das demais massas trabalhadoras e, consequentemente, à derrota do proletariado e à promoção das condições que levariam à restauração do capitalismo.

Portanto, percebe-se que estes dois perigos, à “esquerda” e à direita, ambos desvios da linha Leninista, levam ao mesmíssimo resultado, embora oriundos de direções diferentes.

Qual destes perigos é o pior? A meu ver, um é tão ruim quanto o outro.

A diferença, do ponto de vista da eficácia do enfrentamento, consiste no fato de que o perigo à “esquerda” é, no presente momento, mais visível para o Partido do que o perigo à direita. O fato de que uma luta intensa tem sido travada durante vários anos contra o desvio de “esquerda” tem, naturalmente, seu valor para o Partido. É claro que o Partido aprendeu muito nestes anos de luta contra esse desvio, o desvio trotskista, e agora não pode ser ludibriado facilmente com frases de efeito “esquerdistas”.

Quanto ao perigo à direita, que existia anteriormente, mas que agora se acentuou devido ao crescimento das forças elementares pequeno-burguesas – em função da crise do ano passado no suprimento de grãos –, penso que não é tão visível para certos setores do nosso Partido. É por isso que nossa tarefa deve consistir – embora de modo algum diminuindo a luta contra a “esquerda”, contra o perigo trotskista – em dar mais ênfase à

luta contra o desvio de direita e tomar todas as precauções para tornar o perigo deste desvio tão visível para os camaradas do Partido quanto o perigo trotskista.

A questão do desvio direitista não seria, talvez, tão aguda quanto é agora, se não fosse o fato de estar vinculada às *dificuldades* que acompanham nosso atual desenvolvimento. Ora, o desvio direitista agrava ainda mais as dificuldades que acompanham nosso desenvolvimento e compromete nossos esforços para superá-las. Justamente pelo fato de que o perigo à direita compromete os esforços para superar as dificuldades, que se torna tão importante para nós a sua liquidação.

Algumas palavras sobre a natureza de nossas dificuldades. Deve-se ter em mente que nossas dificuldades de modo algum devem ser encaradas como dificuldades de estagnação ou declínio. Há dificuldades que surgem em um contexto de declínio econômico ou estagnação, e em tais casos são envidados esforços para tornar a estagnação menos dolorosa, ou o declínio menos profundo. Nossas dificuldades, porém, nada têm em comum com as dificuldades desse tipo. Elas são dificuldades de *expansão*, de crescimento. Por dificuldades nos referimos usualmente à porcentagem que a indústria deve ser *expandida*, à porcentagem que a área de cultivo deve ser *ampliada*, ao número de frutos que a produtividade agrícola deve ser *aumentada*, etc., etc. Como as dificuldades são de expansão, e não de declínio ou estagnação, elas não devem ser motivo de risco para o Partido.

Mas não deixam de ser dificuldades. E já que para superar as dificuldades é necessário envidar todos os esforços, demonstrar firmeza e resistência, e como nem todos possuem firmeza e resistência suficientes – talvez como resultado de fadiga e sobrecarga, ou em razão do desejo de viver tranquilamente, livre de conflitos e emoções – é precisamente neste ponto que começam a ocorrer vacilações e oscilações, inclinações visando assumir a

linha de menor resistência, conversas sobre diminuir o ritmo de desenvolvimento industrial, sobre fazer concessões em favor dos elementos capitalistas, sobre descartar fazendas coletivas e fazendas estatais e, em geral, sobre qualquer coisa que ultrapasse as águas calmas e confortáveis da rotina diária.

Mas enquanto não superarmos as dificuldades em nosso caminho, não faremos nenhum progresso. E para superar as dificuldades devemos em primeiro lugar derrotar a ameaça direitista, precisamos primeiro superar o desvio direitista, que está impedindo a luta contra as dificuldades e está buscando minar a determinação do nosso Partido em lutar e superar as adversidades.

Estou falando, é claro, de uma verdadeira batalha contra o desvio direitista, não de uma luta verbal, de papel. Há pessoas em nosso Partido que, para apaziguar sua consciência, manifestam-se dispostas a proclamar uma luta contra o perigo de direita da mesma forma que os padres às vezes clamam: "Aleluia! Aleluia!", no entanto, eles por sua vez não estão dispostos a tomar nenhuma medida prática para organizar a luta contra o desvio direitista de forma consistente, ou seja, são incapazes de superar de fato este desvio. Denominamos esta tendência como uma tendência conciliadora com o desvio direitista, francamente oportunista. Não é difícil imaginar que a luta contra esta tendência conciliadora seja parte integrante da luta comum contra o desvio à direita, contra a ameaça direitista. Afinal, é impossível superar o desvio oportunista de direita sem travar uma luta sistemática contra a tendência conciliadora, que mantém os oportunistas debaixo de suas asas.

A questão de quem são os expoentes do desvio de direita é certamente interessante, embora não seja de importância decisiva. Encontramos expoentes da ameaça direitista em nossas organizações mais baixas do Partido durante a crise de abastecimento de grãos no

ano passado, quando vários comunistas nos campos e vilarejos se opuseram à política do Partido e agiram no sentido de forjar um vínculo com a burguesia rural[8]. Na primavera passada, como é sabido, tais pessoas foram exoneradas do Partido, um tema especialmente mencionado no documento do Comitê Central do Partido em fevereiro deste ano.

Por outro lado, seria incorreto afirmar que já não existem pessoas deste calibre em nossas organizações. Se formos além, para as organizações distritais e provinciais do Partido, ou se cavarmos mais fundo no aparato soviético e cooperativo, encontraremos sem maiores esforços expoentes da ameaça direitista e da conciliação em torno dela. Temos conhecimento de "cartas", "declarações" e outros documentos escritos por uma série de funcionários de nosso Partido e do aparato soviético, em que o desvio de direita é nitidamente expresso. Tais cartas e documentos foram mencionados no relatório integral do plenário de julho do Comitê Central.

E, se formos para um patamar ainda mais alto, e perguntarmos a respeito dos membros do Comitê Central, teremos que admitir que também existem certos elementos, pouco significativos, é verdade, dentro do Comitê Central, de uma postura conciliadora em relação ao perigo de direita. O relatório integral do plenário de julho do Comitê Central fornece uma prova direta disso.

Bem, e quanto ao Bureau Político? Há algum desvio no Bureau Político? No Bureau Político não se verificam nem desvios de direita nem de "esquerda" nem conciliadores para tais desvios. Isto deve ser colocado de forma bastante categórica. Já é tempo de acabar com os boatos difundidos pelos inimigos do Partido e pelos oposicionistas de todo calibre sobre a existência de um desvio à direita, ou de uma atitude conciliadora em relação ao desvio à direita, dentro do Bureau Político de nosso Comitê Central.

8 Kulaks.

Houve vacilações e tremores na organização de Moscou, ou em sua liderança superior, o Comitê de Moscou? Sim, houve. Seria ridículo supor que não tenha ocorrido quaisquer abalos ou vacilações. O discurso franco feito por Penkov é uma prova direta disso. Penkov não é de forma alguma uma pessoa de pouca importância na organização de Moscou e no Comitê de Moscou. Todos o ouviram, clara e francamente, admitir que estava errado em uma série de questões importantes de nossa política partidária. Isso não significa, naturalmente, que o Comitê de Moscou como um todo estivesse sujeito à vacilação. Não, não se trata disso. Um documento como o apelo do Comitê de Moscou aos membros da organização de Moscou em outubro deste ano mostra, sem margem para dúvidas, que o Comitê de Moscou conseguiu superar as vacilações de alguns de seus membros. Não tenho dúvidas de que o núcleo principal do Comitê de Moscou será capaz de sanar completamente a situação.

Alguns camaradas mostram-se insatisfeitos quanto à interferência das organizações distritais neste assunto ao exigirem que se ponha fim aos erros e vacilações de certos líderes da organização de Moscou. Não vejo como essa insatisfação possa ser justificada. O que há de errado em ativistas distritais da organização de Moscou levantarem esta exigência de que se ponha um fim aos erros e às vacilações? Nosso trabalho não avança sob o princípio da autocrítica vinda da base? Não é um fato que a autocrítica intensifica a atuação das fileiras do Partido e do proletariado em geral? O que há de errado ou de condenável no fato de que os ativistas distritais revelaram-se à altura da situação?

O Comitê Central agiu corretamente ao interferir neste assunto? Penso que sim. Berzin acha que o Comitê Central agiu drasticamente ao exigir a remoção de um dos líderes distritais a quem a organização distrital se opunha. Isso está absolutamente errado.

Deixe-me lembrar Berzin de certos incidentes em 1919 ou 1920, quando alguns membros do Comitê Central que eram culpados de certos erros não muito graves a meu ver quanto à linha do Partido foram, por sugestão de Lenin, submetidos a punição exemplar, sendo um deles enviado ao Turquestão, e o outro quase arcando com a pena de expulsão do Comitê Central.

Lenin estava certo ao agir como agiu? Penso que estava muito certo. A situação no Comitê Central naquela época não era como é agora. Metade dos membros do Comitê Central seguiam Trotsky, e a situação no Comitê Central não era estável. O Comitê Central hoje se comporta em termos muito mais amenos. Por quê? Será, talvez, porque queremos ser mais tolerantes do que Lenin? Não, não se trata disso. A questão é que a posição do Comitê Central é mais firme hoje do que era anteriormente, e o Comitê Central pode se dar ao luxo de agir de forma mais equilibrada.

Tampouco Sakharov tem razão quando afirma que a intervenção do Comitê Central foi tardia. Sakharov se engana por não saber, obviamente, que a intervenção, propriamente falando, do Comitê Central começou em fevereiro deste ano. Ele pode se convencer disso, se quiser. É verdade que a intervenção do Comitê Central não trouxe imediatamente os resultados pretendidos. Mas seria estranho culpar o Comitê Central por isso.

Conclusões:

1. A ameaça direitista representa um perigo muito sério para o nosso Partido, pois está enraizada na situação social e econômica existente em nosso país;

2. A periculosidade do desvio de direita é agravada pela existência de dificuldades que não podem ser superadas a menos que o desvio de direita e a conciliação em torno dele sejam eliminados;

3. Na organização de Moscou havia vacilações e oscilações, havia elementos de instabilidade;

4. O núcleo do Comitê de Moscou, com a ajuda do Comitê Central e dos ativistas distritais, tomou todas as medidas a fim de acabar com essas vacilações;

5. Não pode restar dúvidas de que o Comitê de Moscou conseguirá superar os erros que começaram a tomar forma no passado;

6. Nossa tarefa consiste em pôr um fim à disputa interna, em unir a organização de Moscou em um bloco único e em levar a cabo as eleições nas unidades do Partido exitosamente baseadas na autocrítica plenamente desenvolvida. (Aplausos)

Pravda, Nº. 247, 23 de Outubro de 1928